



HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Israel prevê incursão "longa e intensa" a Gaza

MINISTRO DA DEFESA VISITA SOLDADOS, NA FRONTEIRA COM O ENCLAVE PALESTINO, E AVISA QUE ELES VERÃO O TERRITÓRIO "POR DENTRO". LÍDER DO HAMAS AFIRMA AO CORREIO QUE 22 REFÊNS MORRERAM NOS BOMBARDEIOS

» RODRIGO CRAVEIRO

Em visita às tropas posicionadas na fronteira com a Faixa de Gaza, o ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant, avisou aos homens da Brigada Givati: "Vocês estão vendo Gaza de longe; em breve, a verão por dentro; a ordem virá". O chefe do Comando Sul das Forças de Defesa de Israel (IDF), major-general Yaron Finkelman, declarou que a ofensiva terrestre começará em breve, e será "longa, difícil e intensa". "A guerra nos foi imposta por um inimigo cruel. (...) Nós os derrotaremos no território deles", declarou, em referência ao grupo terrorista Hamas, que matou 1,4 mil pessoas durante o ataque a kibbutzim e a cidades do sul de Israel, em 7 de outubro. O premiê Benjamin Netanyahu também esteve com os militares na fronteira. "Venceremos com todas as nossas forças. Israel está com vocês. Vamos atacar fortemente."

Também ontem, o Hamas acusou as IDF de bombardearem a igreja greco-ortodoxa de São Porfírio, a mais antiga de Gaza ainda em atividade. O Ministério do Interior palestino, comandado pelo Hamas, citou "muitos mártires e feridos". A inteligência norte-americana informou que o ataque ao Hospital Batista Al-Ahli Arab, na cidade de Gaza, na última terça-feira, deixou entre 100 e 300 mortos. Em um desdobramento sem precedentes, um navio da Marinha dos EUA derrubou mísseis e drones disparados por rebeldes houthis no Iêmen, possivelmente direcionados contra Israel. Três "mísseis de cruzeiro de ataque terrestre e vários drones" foram interceptados por um destróier "que opera no norte do Mar Vermelho", disse um porta-voz do Pentágono.

Objetivo

O anúncio de que uma ofensiva terrestre ocorrerá em breve causou surpresa. Analistas apostavam que a visita do presidente Joe Biden a Israel, nesta semana, seria um fator de contenção para uma segunda fase da

Gil Cohen Magen/AFP



Tanque israelense se desloca ao longo da fronteira com Gaza: dezenas de milhares de soldados de prontidão

guerra. "Não vou elaborar sobre quando, onde e o que vamos fazer, mas estamos preparados, equipados e mobilizados com tropas terrestres ao redor de Gaza. Começaremos as operações militares em Gaza quando for a hora certa, quando a situação de batalha for correta e tivermos todas as condições atendidas", afirmou ao **Correio**, por telefone, Jonathan Conricus, porta-voz internacional das IDF. "Nós degradamos a capacidade militar do Hamas, em termos de foguetes, logística e produção de armas. Seguiremos aplicando pressão sobre o Hamas. A meta de nossa guerra é desmantelar por completo o grupo e resgatar os reféns. A guerra é contra o Hamas, não contra a população civil."

Ali Barakeh — chefe do Departamento de Relações Nacionais do Hamas e um dos líderes da facção terrorista palestina exilado em Beirute — disse ao **Correio** que o governo de Netanyahu "se atrapalha" nas decisões

relativas a uma ofensiva terrestre. "Há confusão no 'Ministério da Guerra' e na liderança do exército. Não tememos a incursão e estamos prontos para enfrentá-los e defender nosso povo, nossa terra e nossas santidades", admitiu. Ele confirmou que "forças de ocupação sionistas" mataram a "mártir" Jamila Al-Shanti, membro do Conselho Legislativo Palestino e a primeira mulher eleita para o gabinete político do Hamas em Gaza. "Al-Shanti foi a responsável pelo Departamento de Assuntos Femininos Palestinos." Jamila, 64 anos, morreu em um ataque aéreo das IDF, na quarta-feira, no campo de refugiados de Jabalia.

Barakeh confirmou que o Hamas mantém 200 reféns (**leia ao lado**), incluindo estrangeiros que não têm cidadania israelense. "Nós decidimos libertá-los assim que a guerra parar. Tratamos bem os nossos prisioneiros. Eles comem o que comemos e bebem o que bebemos. Mas a Força

Aérea israelense matou 22 deles nos bombardeios", assegurou.

Às 22h30 de ontem (16h30 em Brasília), o engenheiro civil Mohammed Al Assar, que viveu no Brasil dos 8 meses de idade até os 16 anos, estava dentro de um quarto na cidade de Deir Al Balah, no centro-sul da Faixa de Gaza, com dez pessoas. Era impossível dormir. "Há muitos bombardeios. Mísseis caíram a 5km de onde estamos. Podemos escutar, inclusive, os ataques que ocorrem no norte de Gaza", contou ao **Correio**, por telefone. Ainda hoje, pelo menos 20 caminhões carregados com ajuda humanitária, vindos do Egito, devem atravessar a passagem de Rafah e entrar no enclave palestino para ser entregue à população do sul. "Isso é importante, mas o que a gente precisa é acabar com a guerra", desabafa. Mohammed compara a situação a um "filme de terror". "Você sabe que vai chegar a sua hora e apenas espera pela morte", disse.

Famílias ansiosas por respostas

» ISABELA STANGA
ESPECIAL PARA O **CORREIO**

Ao menos 203 pessoas foram sequestradas e mais de 100 estão desaparecidas em 13 dias de conflito na Faixa de Gaza, de acordo com as Forças de Defesa de Israel (IDF). Ainda não se tem notícias da maioria delas, o que aterroriza familiares ansiosos por respostas. "As famílias não sabem o que esperar. Existem diversas possibilidades, todas horríveis: estão mortos, perdidos ou com o Hamas", afirma, ao **Correio**, Victor Asal, especialista em assuntos internacionais da Universidade de Albany, em Nova York.

Adva Gutman espera por notícias da irmã Tamar Gutman, que estava na rave invadida por integrantes do Hamas, no último dia 7. A mulher de 27 anos tem doença de Crohn, condição inflamatória crônica que afeta o trato digestivo, e depende de doses diárias de remédios para se manter viva. "O mais problemático é não saber o que aconteceu com ela (...). O Hamas estupra e escraviza as mulheres. Minha irmã é uma menina linda, não quero nem pensar pelo que ela pode estar passando", disse ao **Correio**.

Lishay Lavi, que mora próximo a Gaza, aguarda informações do marido, Omri Miran, 46, sequestrado no kibbutz em que o casal e as duas filhas moravam. Omri

foi levado para outro local após algumas horas. Lishay e as crianças foram resgatadas por forças israelenses. "Minha filha mais velha tem 2 anos e chora todas as noites pelo pai e pelo nosso cachorro, Mojo. Ela sempre deseja a eles uma boa noite", conta. No último sábado, Mojo foi encontrado. Adva e Lishay fazem parte de um movimento apelidado quartel-general das famílias sequestradas e desaparecidas.

Barganha

Trinta dos sequestrados são crianças. A organização Human Rights Watch (HRW) condenou o grupo palestino pelos sequestros. "Civis, incluindo crianças, pessoas com deficiência e idosos não deveriam ser usados como elemento de barganha", afirmou Lama Fakih, diretor para o Oriente Médio e o norte da África. As implicações sociais e políticas dificultam a ação imediata do governo israelense, avalia o especialista Victor Asal. "Não há como dar ao Hamas o que querem. Não há negociação", comenta.

Ontem, familiares homenagearam os cidadãos israelenses mortos, sequestrados e desaparecidos. Retratos de todas as vítimas do conflito ocuparam as cadeiras do auditório Smolarz da Universidade de Tel Aviv.

Ahmad Grarabli/AFP



Memorial às vítimas do Hamas, no auditório da Universidade de Tel Aviv

VENEZUELA

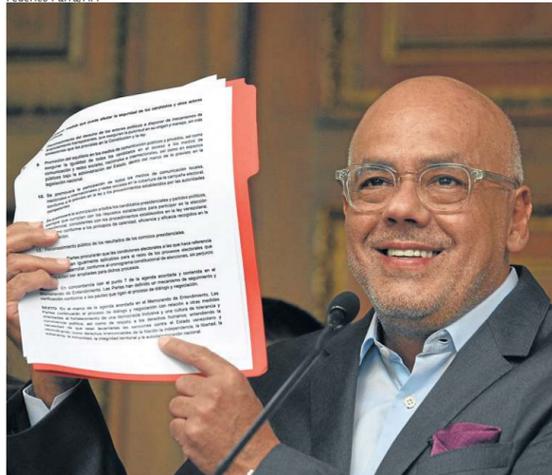
Acordo histórico liberta presos e suspende sanções

O governo de Nicolás Maduro — representado pelo presidente da Assembleia Nacional, Jorge Rodríguez — e a oposição, constituída pela figura do negociador Gerardo Blyde, assinaram um acordo histórico que levou à libertação de cinco presos políticos e à suspensão das sanções petrolíferas impostas pelos Estados Unidos ao regime venezuelano. Entre os opositores soltos, estão o ex-deputado Juan Requesens, detido desde 2018; e o jornalista Roland Carreño, que estava há três anos encarcerado. "Há muitas coisas a serem ditas. O mais importante, agora, é agradecer a todos que tornaram isso possível, ao meu advogado, aos familiares e ao partido. Não tenho palavras", disse Requesens, ao deixar a temida prisão do Helicóide, em Caracas. "Estou um pouco aturdido. Depois de três anos de tanta espera e angústia, cheguei à

liberdade. Tenho esperança de que a Venezuela também encontre a liberdade", declarou Carreño, que foi assessor do ex-presidente autoproclamado Juan Guaidó.

A partir de agora, a Venezuela passa a ter a autorização dos EUA, pelo prazo inicial e prorrogável de seis meses, para a compra de petróleo bruto, gás e ouro. O acordo assinado em Barbados, às vésperas das primárias opositoras de domingo, também apresenta uma cláusula em que Maduro promete respeitar o processo eleitoral. O pacto entre governo e oposição pode melhorar a relação entre o Palácio de Miraflores e os Estados Unidos. "Vamos virar a página, reconstruir uma relação de respeito, de cooperação", defendeu Maduro. Por sua vez, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou um fundo fiduciário de US\$ 3 bilhões (cerca de

Federico Parra/AFP



Jorge Rodríguez mostra o documento com as cláusulas do pacto

R\$ 15,1 bilhões) para "beneficiar as pessoas vulneráveis na Venezuela, fornecendo a elas assistência de saúde e outras necessidades básicas".

Compromisso

Cientista político da Universidade Central da Venezuela, Jose Vicente Carrasquero Aumaitre explicou ao **Correio** que o acordo firmado entre Maduro e a oposição é produto de uma nova tentativa de países, como Noruega e EUA, de forçar o líder venezuelano a respeitar a Constituição. "Basicamente, o acordo é um resumo de artigos da Constituição com respeito à legislação venezuelana. Maduro se compromete a respeitar o que diz a lei, em troca de soltar alguns dos prisioneiros e da suspensão das sanções, por parte dos EUA", comentou.

Aumaitre lembra que as sanções foram levantadas de forma temporária e reversível. "Washington observará o cumprimento do tratado. Se entender que o acordo não está sendo respeitado, poderá reverter a ordem dada de suspender as sanções", acrescentou. "Considero bastante triste que um país como a Venezuela necessite da intervenção de potências estrangeiras para resolver assuntos que, no restante das nações na América Latina, são solucionados internamente." O especialista alertou sobre a existência de mais de 230 presos políticos nas penitenciárias e centros de detenção venezuelanos. "Muitos deles tiveram a condenação cumprida e têm que ser libertados." (RC)